

PRAÇA MONTEIRO LOBATO

Lei nº 6079 de 29-08-1989, Artigo 1º, Inciso VI
Formada pela praça sem denominação da Vila Antô

nio Francisco

Situada entre as ruas Felício Lucarelli, Julio
Pereira Brum e Ângela Picolotto

Vila Antônio Francisco

Obs.: Lei sancionada e promulgada pelo Prefeito
Municipal Jacó Bittar.

MONTEIRO LOBATO

RUA MONTEIRO LOBATO

Lei nº 439 de 13-11-1950

Formada pela rua 1 da Vila Rialto e rua 1 da

Vila São José

Início na rua Prudente de Moraes

Término na rua 24 de Maio

Vila Industrial

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal Miguel Vicente Cury.

MONTEIRO LOBATO

José Bento Monteiro Lobato nasceu em Taubaté, neste Estado, em 18-abril-1882 e faleceu em São Paulo em 04-julho-1948. Era filho de José Bento Marcondes Lobato e Olimpia Monteiro Lobato e foi casado com Maria Pureza da Natividade com quem teve filhos. Aos sete anos já sabia ler. Após seus estudos primários e secundários, embora sem grande vocação para a carreira jurídica, bacharelou-se em Direito em 1904. Em 1907 foi nomeado Promotor Público para a Comarca de Areias, pequena cidade do Vale do Paraíba, oportunidade que traçava caricaturas para a Revista "Fon-Fon" do Rio de Janeiro, colaborava no jornal "A Tribuna" de Santos e fazia traduções de livros estrangeiros. Em 1911, com a morte de seu avô, Visconde de Tremembé, recebe de herança a Fazenda Buquira. Transforma-se em fazendeiro e sente mais forte sua inclinação para as letras. Tem a oportunidade de verificar o problema de administrações rurais erradas, o fogo das queimadas trazendo prejuízo e destruindo o humus da terra, a destruição de aves e animais, o mau trato dado às terras. Tudo isso é motivo para seus escritos, quando cria o "Jeca Tatu" símbolo trágico do caboclo doentio, indolente. Apaixonado pelos temas brasileiros, lança "Urupês" sua obra máxima, de sucesso excepcional. Adquire uma revista em São Paulo, transformada em editôra, que não obtém êxito. Nomeado Adido Comercial nos Estados Unidos, ali escreve "Reinações de Narizinho" e na sua volta, sem abandonar as lides literárias, vem embriagado pelo aproveitamento industrial pelo país, do ferro e do petróleo, que o governo ditatorial de então não aceita, e coloca Monteiro Lobato por seis meses na prisão. Com um grupo de industriais amigos, monta uma equipe para perfuração de petróleo na Bahia, na localidade hoje denominada Lobato. Segue depois para a Argentina, onde consegue sucesso com a edição de seus livros. Pioneiro da literatura infantil no Brasil, pertenceu à Academia Paulista de Letras e negou aceitar sua indicação para a Academia Brasileira de Letras. Deixou mais de três dezenas de obras publicadas, todas assinaladas com sucesso editorial. Até o fim de sua vida muito lutou pela economia nacional, por um Brasil desenvolvido, culto, vitorioso.



Lei n. 439, de 13 de Novembro de 1950

Dá o nome de «Monteiro Lobato» a uma rua da cidade

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada "RUA MONTEIRO LOBATO" a Rua Um da Vila Rialto, que tem início na Rua Prudente de Moraes e termina na Rua 24 de Maio.

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 13 de novembro de 1950.

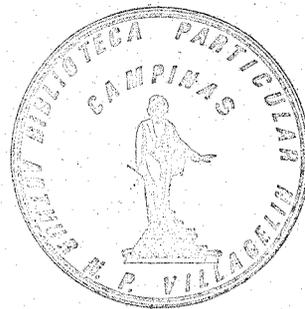
MIGUEL VICENTE CURY

Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 13 de novembro de 1950.

O Diretor,

ADMAR MAIA



Monteiro Lobato

Em 18 de abril de 1882, nascia um dos maiores escritores brasileiros, o paulista Monteiro Lobato, que se tornaria famoso não apenas no âmbito literário, com influência profunda sobre as crianças e, principalmente, sobre os escolares, mas também por ter sido o patriota que acreditou na existência do petróleo no Brasil, lutando heroicamente para que outros acreditassem nisso.

Lobato, escritor prodigioso, de um vigor e originalidade extraordinários, superou pelo estilo, graça e variedade de assuntos nomes consagrados nas Letras. Aprendeu muito com os mestres da língua, mas não se submeteu a eles. Foi individualista demais para se apagar a este ou aquele espírito, fosse Machado, Eça ou Camilo. Articulista de pulso, insurgiu-se, muito moço ainda, contra os desmandos dos poderosos. Polêmico, não concordou, jamais, com o que lhe parecesse injusto.

Herdeiro de uma Fazenda no Vale do Paraíba percebeu o problema das administrações erradas: terras maltratadas, o fogo das queimadas destruindo o humus da terra, a destruição dos animais silvestres, a modificação do clima. Apaixonado pelos temas brasileiros, foi buscar na roça, no povo simples e crédulo, os temas para seus escritos. Sua obra "Urupês" causou sensação em todo o Brasil.

Seu Jeca Tatu é um símbolo trágico do caboclo doentio, indolente, acorçado à beira de sua choça, triste como o curiango, sombrio "urupê de pau podre a modorrar silencioso no recesso das grotas".

Autêntico pioneiro em muitos campos de atividade, Monteiro Lobato, bem antes das pesquisas metodizadas no campo do folclore, já utilizava uma técnica singular de pesquisa, o questionário, mais tarde usado nas investigações das Ciências Sociais. Ele sabia que o estudo das crendices populares revela o povo, e também ensina os caminhos para educá-lo. Chegou a dizer que o Jeca Tatu, atrasado e infeliz, era muito melhor do que o indivíduo imitador, cópia mal feita do estrangeiro. Levou sua preocupação nacionalista para os campos da arte, da política, da vida social, da literatura. E deixou páginas vigorosas sobre temas bem brasileiros. Ao mesmo tempo, teve a suprema virtude de saber distanciar-se do nacionalismo ufanista, palavroso e

CORREIO POPULAR -

CAMPINAS, SEXTA-FEIRA, 16 DE ABRIL DE 1982

EDUCAÇÃO E ENSINO



Monteiro Lobato

Maria Rosa Moreira Lima

Oitenta e quatro anos se passaram, que em Taubaté, no Estado de São Paulo, a 18-IV-1882 nasceu José Bento Monteiro Lobato, filho de José Bento Marcondes Lobato e d. Olimpia Monteiro Lobato.

Muito jovem perdeu os pais, sendo criado pelo avô, o Visconde de Tremembé. Iniciou os estudos em sua cidade natal, transferindo-se para São Paulo, onde concluiu os preparatórios, e, embora sem vocação para a carreira jurídica, matriculou-se na Faculdade de Direito da Capital, bacharelando-se em 1904.

Depois da formatura, foi nomeado promotor público em Areias no Vaie do Paraíba. Em 1911, após o falecimento do avô, recebe de herança a "Fazenda do Boqueira", tornando-se assim, um fazendeiro. No desempenho de suas novas funções, começa a notar certo enfraquecimento na produção de sua lavoura, ligando esse fato à indolência dos caboclos, e irritado, em seus trabalhos jornalísticos, passou a classificá-los como "Velha Praga" e "Jecas Tatus", ou compará-los aos "urupês", um cogumelo que vegeta no paul.

Isso fazia, sem observar a subnutrição do homem do campo que o tornava incapaz para os trabalhos agrícolas, ou mesmo outros afazeres que o obrigassem a despendir de forças físicas. Os seus artigos publicados nos jornais, despertaram grande celeuma no país, e surgiram os revides, na voz de muitos escritores, contra as expressões um tanto ingratas de Lobato, que, sem dar ouvidos continuava firme em suas convicções. Quando, porém, chegou à conclusão de que aquelas criaturas humildes, necessitavam de auxílio para se livrarem das enfermidades de que eram portadores, com as mais sinceras e desenvoltas palavras, pediu-lhes perdão de público, dizendo:

"Eu ignorava que eras assim, meu caro Jeca, por motivo de doenças tremendas. Está provado que tens no sangue e nas tripas, todo um jardim zoológico da pior espécie. É essa bicharia cruel que te faz papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não. Assim é com piedade infinita que te encaro hoje o ignorantão que outrora só via em ti mam-parra e ruindade.

Após esses fatos, Lobato enveredou por outras atitudes, estendendo-se sobre assuntos nacionais. Destemeroso, fazia denúncia, acusando as sabotagens,

expondo suas opiniões, em inflamados trabalhos jornalísticos.

Em 1918; depois de um rumoroso artigo denominado "Urupês", publicou um livro com o mesmo nome. Livro esse, que alcançou retumbante sucesso com sucessivas edições, esgotadas em pouco tempo, ao ponto de Rui Barbosa perguntar da Tribuna do Senado, no início de memorável discurso, se os seus pares haviam lido os "Urupês", de Monteiro Lobato.

Novos livros foram publicados, para mais tarde, formarem as substanciosas "Obras Completas de Monteiro Lobato", organizadas em 30 volumes, e divididas em literatura geral e literatura infantil.

De sociedade com Octalles Marcondes Ferreira, o escritor fundou a editora Monteiro Lobato & Cia. Motivos imperiosos prejudicaram o bom andamento da firma, obrigando-a a encerrar as suas atividades. Esse golpe foi muito desagradável para o escritor, que resolveu transferir-se para o Rio de Janeiro, de onde, a convite do presidente Washington Luís, seguiu para os Estados Unidos e, adido à embaixada brasileira, passou a residir em Nova York.

Em 1931, regressou ao Brasil e sem abandonar os encargos literários, dedicou-se a varias campanhas pela imprensa, inclusive a da criação das indústrias de ferro e petróleo. Ao mesmo tempo lançava denúncias contra as forças que impediam o advento do petróleo em nosso país. fatos esses que lhe proporcionaram uma condenação pelo Tribunal de Segurança Nacional, embora Lobato tivesse até fundado empresas para estudos e perfurações que viessem provar a existência do nosso ouro negro. E o grande jornalista, o escritor admirável, teve o dissabor de cumprir pena em um carcere.

As suas obras foram traduzidas para diversos idiomas, e o seu nome ficou gravado em letras indeleveis, não somente na literatura de nossa Patria, como também na literatura de outros povos.

Na Academia Paulista de Letras, ocupou a Cadeira n.º 39, patrocinada por Gabriel Rodrigues dos Santos.

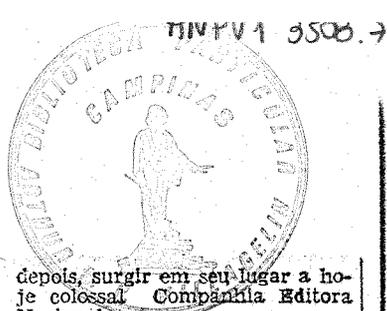
José Bento Monteiro Lobato, falecido a 4-VII-1948, foi um jornalista desassombrado foi, acima de tudo, um escritor de talento, a usar a sua pena com as melhores intenções, procurando difundir cultura, especialmente entre as crianças, com as agradáveis e instrutivas historias infantis.

RUA MONTEIRO LOBATO



1882 Nasce em Taubaté, neste Estado, o escritor José Bento Monteiro Lobato, falecido nesta capital a 4 de julho de 1948. Formado pela Faculdade de Direito de São Paulo, foi promotor público em Arcis, fazendeiro no município de Buquira e dono de editora nesta capital. Dedicou-se à literatura infantil, tendo editado de livros a partir da obra "A menina do narizinho arrebitado". Adido comercial junto ao Consulado do Brasil em Nova York, deixou o cargo e regressando ao país, empreendeu vigorosa campanha a favor da exploração do petróleo nacional, tendo sido preso por duas vezes. Autor de numerosas obras, entre as quais "Urupês", estas obtiveram grande sucesso, calculando-se em mais de dois milhões os exemplares vendidos. Do seu livro "Urupês" disse Agripino Grieco: — "Um senso muito agudo e muito ativo do pitoresco, felizes noções de ambientes e atitudes".

*



Se Monteiro Lobato fosse vivo, estaria completando 86 anos de existência. Por este motivo, hoje, prestamos a nossa homenagem ao grande escritor paulista, orgulho do Brasil.

Monteiro Lobato, como geralmente é mais conhecido, nasceu a 18 de abril de 1882, na chácara do avô materno o Visconde de Tremembé em São Paulo e, faleceu na madrugada de 5 de julho de 1948, na Capital do mesmo Estado e o seu corpo repousa no Cemitério da Consolação.

Escritor e jornalista, teve um lugar ao sol na Academia Paulista de Letras, ocupando a cadeira n.º 39.

Foram seus pais, José Bento Marcondes Lobato e dona Olímpia Augusta Monteiro Lobato. Na família, era tradição os filhos homens chamarem-se José, motivo porque o escritor na pia baptismal recebeu o nome de José Renato. Influenciado pela vaidade de usar depois de moço uma bengala com o castão de ouro onde estavam gravadas as iniciais J.B.M.L., pertencente ao pai, conseguiu desse, a necessária autorização, trocando o nome de José Renato para José Bento. Em casa, com os pais, depois com o professor particular Joviano Barbosa, estudou as primeiras letras e, aos 7 anos já estava alfabetizado. A seguir, cursou os colégios Coração de Jesus, São João Evangelista e o Americano.

Em 1895, viajou para S. Paulo, matriculando-se no Instituto Ciências e Letras, onde atravessou uma fase algo difícil com a pequena mesada enviada pelo pai, na ocasião em precária situação financeira, acentuada mais ainda pela enfermidade da esposa, já tuberculosa. Prestando os primeiros exames, Lobato foi reprovado e, regressando a Taubaté, voltou a estudar no Colégio Coração de Jesus, depois no Colégio Paulista, onde fundou com alguns colegas o jornalzinho "O Guarani", ali publicando diversos trabalhos, usando porém o pseudônimo de Jobsem. Retorna a São Paulo em 1896 e fica no internato do Instituto Ciências e Letras, integrando-se perfeitamente no ambiente colegial, onde floresciam o Grêmio Álvares de Azevedo e dois jornais de pequena monta, "O Patriota" e "A Pátria", dos quais o jovem torna-se colaborador assíduo, usando algumas vezes o nome de Gustavo Lannes. Entusiasmado, fundou o seu próprio jornal, dando-lhe o nome de "H20".

Orfão aos 16 anos, e quando terminou os preparatórios, matriculou-se na Faculdade de Direito de São Paulo.

Em companhia de vários colegas entre esses Ricardo Gonçalves e Godofredo Rangel, passou a residir em uma república chamada "O Minarete" à rua 21 de Abril no bairro do Belenzinho no Brás.

Na Faculdade colabora no "Arcádia Acadêmica", no "Onze de Agosto" e outros órgãos estudantis, além de "O Povo" de Caçapava e "O Minarete" de Pindamonhangaba fundado por Benjamim Pinheiro, usando uma infinidade de pseudônimos inclusive: Mem Bugalho, Pascalon, Pataburro, Rodante Cór de Rora, Antão de Vasconcelos, Antão de Mazalhões, Til, Bertoldo, Olga de Lima.

Embora sem grande vocação para a carreira jurídica, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais em 1914. A sua inclina-

José Bento Monteiro Lobato - Uma vida gloriosa, intercalada de decepções

Diário S. Paulo
21-4-68

Maria Rosa Moreira Lima

ção era para desenhos e acentuadamente para as letras.

Em 1907, foi nomeado Promotor Público para a Comarca de Areias, cidade pequenina no Vale do Paraíba, na oportunidade traçando caricaturas para a revista "Fon-Fon" do Rio de Janeiro, ao mesmo tempo colaborando na Tribuna de Santos e fazendo traduções de livros estrangeiros.

A 28 de março de 1903, casou-se com Maria Pureza da Natividade e em 1911, com o falecimento do avô, o Visconde de Tremembé, recebe de herança a Fazenda Buquira. Passa a ser fazendeiro, vivendo desde então com relativo conforto sem grandes preocupações, embora cada vez mais forte sentisse inclinação para as letras. Esse estado de coisas permaneceu até o dia em que alguns colonos por malvadez, irreflexão ou mesmo politicamente barata, quando faziam queimadas nos sítios, não se preocupavam em observar se o fogo se propagava à fazenda vizinha, prejudicando-a.

Monteiro Lobato revoltou-se contra tamanha displicência ou crime premeditado, sem contudo encontrar solução para a gigantesca fogueira que durante 60 dias lavrou, destruindo-lhes as plantações, o gado, tudo ao alcance de sua caminhada devastadora. Era o fogo ateadado por mãos criminosas, manhosas, escondido no óco dos troncos caídos e ressequidos, ressurgindo cada dia que o Sol mais quente se levantasse e o vento soprasse mais forte.

O prejuízo foi total, mais acentuado com a má vontade do administrador sabotando todos os empregados da Buquira. Monteiro Lobato revoltado com os acontecimentos e depois de inutilmente chamar à responsabilidade aqueles considerados culpados, resolveu escrever um artigo de protesto e intitulando-o "Uma Velha Praga", enviou-o à redação do "Estado de São Paulo". Era uma reclamação justa pelos acontecimentos que o prejudicaram. Ele não somente se rebelava com as queimadas, como também com a indolência dos caboclos. Lobato sentiu na bolsa, as vergastadas oriundas da falta de coragem, da moleza daquela gente inculta, rude, boa, porém sem a menor disposição para um trabalho sadio e compensador. E de tal forma pensavam que, se alguém lhes apresentava uma sugestão para um esforço maior, eles, acorçados na porta do casebre, repetiam a frase tão conhecida: "Não paga a pena".

Publicado o artigo a 12 de novembro de 1914, foi uma sensação. Diante do seu valor, lançaram-no em todos os jornais do país, despertando além de admiração, grande celeuma. E sem tardança vieram os revêdis. Muitos escritores levantaram-se contra as expressões de Lobato, tentando provar por todos os meios o seu erro no modo de pensar a respeito dos colonos, e na ingrata denominação.

A 23 de dezembro do mesmo ano, novo artigo foi publicado, com o título de "Urupês", sempre num desabafo contra o caboclo indolente, lançando irrefletidamente fogo na mata, conformado com tudo, sem querer lutar para vencer e na expressão do escritor, verdadeiro "piolho da terra", fato que as pessoas residentes na Capital, não poderiam jamais compreender.

O prejuízo levou-o ao ponto de vender a fazenda e fixar residência na cidade de Caçapava, onde fundou a revista "Paraíba", transferindo-se algum tempo depois, com a família, para a Capital, em 1917. Em São Paulo continuou escrevendo para jornais e em 1918, lançou o livro "Urupês" cujo significado é o de "cogumelo nascido no paul". Aos "Urupês", compara os colonos, aqueles mesmos a quem já chamara "Jeca Tatu". Isto, sem querer observar a subnutrição do homem do campo que o tornava incapaz para qualquer trabalho agrícola onde despendesse esforços físicos além de suas possibilidades. Quando, porém, chegou à conclusão de que aquelas criaturas humildes, necessitavam de auxílio para se livrarem das enfermidades de que eram portadoras, com as más, sinceras e desevoltas palavras, pediu-lhes perdão de público, dizendo: "Eu ignorava que eras assim, meu caro Jeca, por motivo de doenças tremendas. Está provado que tens no sangue e nas tripas todo um jardim zoológico da pior espécie. E' essa bicharada cruel que te fez papudo, feio, molenga, inerte. Tens culpa disso? Claro que não. Assim é com piedade infinita que te encaro hoje, o ignorância que outrora só via em ti mamparra e ruindade".

Quando veio a lume, em 1918, o livro "Urupês", depois do ruinoso artigo com o mesmo nome, Monteiro Lobato teve um grande sucesso com a 1.ª edição de 1.000 exemplares esgotada em poucos dias, a 2.ª de 2.000 em um mês e a 3.ª de 4.000 da mesma forma, continuando com tiragens fabulosas. O próprio Rui Barbosa, da tribuna do Senado, antecedendo memorável discurso, falou a seus pares a respeito do "Urupês" de Monteiro Lobato.

A repercussão dos seus escritos, fê-lo adquirir a "Revista do Brasil", transformada mais tarde na Editora Monteiro Lobato & Cia., de sociedade com Octalles Marcondes Ferreira, transformada depois em sociedade anônima com enormes oficinas e instalações modernizadas.

Em 1924, durante a revolução chefiada por Isidoro Dias Lopes, o comércio de São Paulo sofreu contingências seríssimas e a firma em questão ressentiu-se dos acontecimentos, agravados mais ainda no ano seguinte, em virtude da seca de 1925, quando a Light de São Paulo, não conseguia fornecer a necessária energia durante quase um ano, e o estabelecimento entrou em fase de falência, para tempos

depois, surgir em seu lugar a hoje colossal Companhia Editora Nacional.

O golpe foi tremendo para Lobato que, aborrecido e não vencido com as desagradáveis ocorrências, mudou-se ainda em 1925 para o Rio de Janeiro, onde desenvolveu fecunda produção literária, escrevendo inclusive, "Mr. Slang e o Brasil".

A convite do presidente Washington Luis, seguiu para os Estados Unidos, a 25 de maio de 1927 para ser Adido Comercial junto à Embaixada do Brasil passando a residir em Nova Iorque, onde escreveu as histórias para o livro "Reinações de Narizinho" e "América", coletânea de artigos e impressões de viagem.

Depois de ter grandes prejuízos com especulações na Bolsa de Nova Iorque, regressou ao Brasil em 1931 e sem abandonar as lides literárias, encontrou diversas campanhas, estendendo-se sobre vários assuntos nacionais. Abertamente fazia acusações, apontava desassombradamente as sabotagens contra as riquezas de nossa terra, apresentando suas opiniões esclarecidas e patrióticas em inflamados artigos jornalísticos. Era tempo da ditadura no Brasil e o escritor começou a sofrer as maiores pressões. Mesmo assim, propôs a criação das indústrias de ferro e petróleo, conseguindo, apesar de tudo, que se adotasse, no país, o processo de William H. Smith, o qual deu os mais valiosos resultados para a economia nacional.

As suas denúncias "Escândalos do Petróleo", lançadas contra as forças que impediam o advento do mesmo em nossa terra, trouxeram-lhe prejuízo a "Cia. Petróleo do Brasil" que fundara com a colaboração de muitos brasileiros em Araquá, perfurando até 1.500 metros de profundidade, num esforço supremo para provar a existência do ouro negro em nosso território.

Getúlio Vargas no poder quis enviá-lo como ministro de Propaganda para o Exterior e ele, notando no gesto a oportunidade para afastá-lo do Brasil, declinou do convite.

Todos esses acontecimentos lhe proporcionaram uma condenação pelo Tribunal de Segurança Nacional sendo detido e preso incommunicavel no presídio público da av. Tiradentes na Capital de São Paulo.

Quando lhe perguntavam o porque do Jeca Tatu e Ideias do Jeca Tatu, ele explicava que tinha criado um nome símbolo para o colono analfabeto, enterrado sempre nas matas, nos sítios nas fazendas, vivendo a vida sem ter quem lhe abrisse a ramaria nas matas, para mostrar-lhe um raio de sol vivificador.

Em 1946, esteve na Argentina, regressando ao Brasil no ano seguinte, nunca abandonando as produções literárias para enlêvo das crianças. Isto se verificará porque os seus livros foram traduzidos para diversos idiomas.

O nome do escritor Monteiro Lobato ficou gravado em letras indeleveis não somente na literatura de nossa Pátria, assim também de outros países. Pioneiro em vários setores, muito se bateu, muito lutou em prol da economia nacional, sacrificando-se até a morte por um Brasil progressista, grande, culto e vitorioso.

